

O Gênero nos livros Didáticos de História como meios de ensino

Gislania Carla Potratz Kreniski¹

Adriana Kivanski de Senna²

RESUMO

O Presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise de como o Gênero é representado no conteúdo do livro didático e qual a interferência dessa temática dos livros didáticos. Partindo do pressuposto que a presente pesquisa tem como foco norteador o próprio Livro Didático, vale ressaltar dessa forma, o papel que esse ocupa nas salas de aula, pois, sabemos que em muitos casos esse é o único material acessível aos alunos para ser trabalhado em sala de aula. Ora, como já é de conhecimento o Livro Didático tem um papel social muito importante, principalmente nas questões de Gênero, nosso objetivo é entender como se dá a representação dessas questões de gênero no livro didático e como e por que alguns conteúdos estão sendo ignorados. Nessa perspectiva é que a pesquisa toma força, tendo por interesse esclarecer de forma ainda que inicial esses assuntos de relevância significativa não só para escola, professores, pais e alunos, mas para os âmbitos da sociedade.

Palavras-chave: Ensino de História; Livros Didáticos; Gênero.

ABSTRACT

The present study aims to analyze how the Gender is represented in the content of the textbook and how it interfered theme of textbooks. Assuming that the present research focuses on guiding himself Textbook, it is noteworthy that way, the role that occupies in classrooms, because we know that in many cases this is the only material available to students to be worked on classroom. However, as is knowledge of the Textbook has a very important social role, especially on issues of Gender, our goal is to understand how does the representation of these gender issues in textbook and how and why some content are being ignored. This perspective is that research takes strength, with the interest in even clarify that these initial

¹ Mestranda do PPGH da Universidade Federal do Rio Grande – FURG gislaniacarla@hotmail.com

² Adriana Kivanski de Senna Universidade Federal do Rio Grande – FURG adrianasenna@vetorial.net

issues of significant importance not only for schools, teachers, parents and students, but for social milieu.

Keywords: Teaching of History; Didactic Books, Genre.

ENSINO DE HISTÓRIA E LIVRO DIDÁTICO

Introdutoriamente é fundamental ressaltarmos que os motivos pelos quais a história faz parte do currículo escolar e o devido valor de sua aprendizagem na formação dos educandos, muitas vezes não são compreendidos. Porém essas questões se tornam fundamentais quando se pretende refletir, repensar e posicionar-se sobre o ensino de história praticado nos dias atuais.

Assim sendo, devemos começar salientando que o ensino de história é imprescindível para a compreensão dos processos históricos e para a sua articulação com o atual contexto. Nesse sentido, o ensino de história possui papel relevante na superação da exclusão social, na construção da cidadania e na emancipação social e política dos sujeitos históricos (FONSECA, 2003:52). Logo, ensinar história é agir de acordo com metas e objetivos conscientemente perseguidos intrinsecamente de um contexto de atuação educacional, permeada pelos desafios cotidianos e pela burocratização do ensino. Porém, não menos importante, não podemos deixar de citar a relação que o ensino de história tem com os materiais didáticos. Esses materiais dão suporte as aulas, tornando palpável ao aluno o conhecimento detido de certa forma somente pelo professor, esse material didático, que é o livro didático sofreu várias transformações e ainda continua sofrendo, com vistas a melhora do material a ser utilizado pelos alunos, e é sobre esse material relacionado as questões de gênero que daremos uma maior ênfase ao nosso trabalho.

O livro didático se transformou em um importante suporte para os professores em sala de aula, pois como afirmou Ana Maria Monteiro “os livros didáticos desempenham importante papel nesse processo, sendo utilizados pelos docentes em diferentes situações: como fonte de orientação para explicações desenvolvidas nas aulas, como apoio ao planejamento e sugestões para avaliações, como material de estudo e atualização”

(MONTEIRO, 2009:175). Esse caráter do livro didático pode ser percebido de forma positiva, pois é fundamental para o docente ter esse recurso.

Seja como fonte de conteúdos ou como apoio aos planejamentos, conforme discorreu Monteiro, o livro didático adquiriu um caráter essencial enquanto recurso didático na sala de aula.

Dessa forma, o livro didático enquanto objeto não pode realizar sozinho o ensino de qualidade, como analisou o autor Kazumi Munakata. Afinal, o professor bem preparado tem condições tanto de desenvolver seu material como também é capaz de utilizar qualquer material ou livro didático, ainda que não seja de boa qualidade e ainda assim dar uma aula excelente.

No caso da História, conforme afirmou Tânia de Luca, ainda faltam estudos mais cuidadosos sobre a relação entre o ensino de História e os livros didáticos produzidos para dar suporte a essa disciplina. É importante perceber que ensino e material didático estão intrinsecamente ligados, pois o livro didático oferece a fonte de conteúdos e fundamentação para elaboração e planejamento do currículo. No entanto, como já foi afirmado, o livro didático não é um produto inocente, de acordo com Luca: “a destinação de recursos para a compra de livros, por mais correta e justa que seja não invalida a tarefa de se inquirir sobre os efeitos que a interferência do Estado na avaliação e compra teve (e tem) sobre as empresas editoriais” (LUCA, 2009:172).

Essa análise nos remete a entender que o livro didático é um material tendencioso, ou seja, como veremos nas questões de gênero o livro didático é em parte o responsável pelas visões e preconceitos estabelecidos.

Nessa perspectiva e conforme análise de Circe Bittencourt (2011), os livros didáticos e todos os outros materiais didáticos se apresentam como mediadores no processo de apropriação do conhecimento. É sabido o papel que o livro didático exerce enquanto fonte de estudos para o discente, considerando que esse material didático foi elaborado com o objetivo de ofertar os conhecimentos básicos das disciplinas para os discentes e de aproximá-los dos assuntos que serão trabalhados em sala de aula pelo professor. De acordo com Ana Monteiro (2007), o livro didático é um material de uso dos alunos e em sua grande maioria o livro didático é a única leitura desses ou ainda pode ser o único tipo de livro encontrado na casa da

maioria deles. O livro traz informações relevantes tanto para o contexto escolar quanto para a vida de seus familiares. Esse material em muitos casos é o único acesso ao conhecimento que uma determinada família possa vir a ter.

Porém, a atenção relacionada ao uso do livro didático não está na forma de utilização dos alunos e seus familiares, mas, na forma com a qual o professor se apropria desse recurso, tornando-o sua fonte de pesquisa e orientação para elaboração de planos de aulas ou ainda do plano de ensino da disciplina. Dessa forma, o que tem relevância para a pesquisa é a compreensão das formas de experiência vivenciadas pelos docentes em relação ao uso e processo de seleção do livro didático, especificamente o de História. Nessa dimensão, Ana Monteiro (2007) destaca ainda com relação aos processos de ensino-aprendizagem, que além dos investimentos na qualidade do livro didático, é central investir nos docentes, em sua formação e condições de trabalho. Dessa forma, garantir livros de boa qualidade é relevante, mas, mais importante que isso é garantir a formação de qualidade e continuada aos professores.

Com base no mencionado acima sobre o livro didático, material de suma relevância passamos a análise do conteúdo temático da questão gênero relacionando sua representação nesse material de acesso palpável a uma grande massa, o livro didático.

O GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

Os debates relacionados a Gênero teve consolidação no Brasil a partir da década de 1990, quando se começou a discutir a questão de gênero em nosso país. Mas, o que entendemos por gênero? Gênero está relacionado à forma com a qual a sociedade define os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados a homens e mulheres. Criando assim, um padrão pré-estabelecido do que vem a ser feminino e masculino, fazendo com que o comportamento estabelecido como natural para o ser humano crie condutas e modo de se viver a natureza sexual do indivíduo. Isso significa a relação direta de como está estruturado o

padrão que a sociedade organiza os valores, desejos e comportamentos dos indivíduos ao que se refere sua sexualidade. Nesse pressuposto, iremos trabalhar a representação da questão do masculino e feminino nos conteúdos do livro didático.

Sendo assim, o gênero inserido como temática transversal nas escolas é necessário para se discutir as questões de diversidade cultural e a violência contra as mulheres, como caracteriza Guacira Lopes Lauro (1995:124): “história da educação na perspectiva do gênero é mais do que uma opção teórica ou pedagógica; é uma opção política”.

Ou seja, apesar da iniciativa ser boa para o processo da educação do nosso país, ainda não é possível perceber a interferência no que diz respeito aos preconceitos das construções sociais entre os estudantes. De um modo geral é preciso que professores estejam engajados e preparados para que seja possível trabalhar essa temática levando os alunos a se entenderem e se sentirem parte do processo de conscientização que a questão Gênero nos remete.

Então, o tema começou a ser trabalhado e por isso precisava entender o que viria a ser a categoria “gênero”, que Joan Scott nos esclarece a seguir:

“a categoria Gênero, se proponha, para a análise histórica pretende compreender e explicar significativamente o caráter relacional, transversal e variável dessa categoria analítica. Gênero é uma categoria de análise histórica, cultural e política, e expressa relações de poder, o que possibilita utilizá-la em termos de diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia, e, também, levar em conta a possibilidade da mudança.” (SCOTT, 1992).

Dessa forma, o estudo de gênero toma proporções, mas ainda assim está sendo em grande parte ignorado pelos conteúdos do livro didático; apesar da proposta ter sido bem aceita pelos professores, ainda há muito que se trabalhar para que os preconceitos existentes entre os alunos a despeito dessas construções sociais sejam vencidos como mencionado acima.

Fazendo uma análise direta, observamos que por mais que o conteúdo das questões de gênero seja trabalho em sala de aula pelo professor, as reflexões a cerca dos debates

apresentados no livro didático estão muito longe do saber histórico que deveria ser apresentado nas escolas. Assim, observamos que com o passar do tempo os livros didáticos vem apresentando para nós uma melhora significativa, porém, as questões relacionadas as identidades de gênero continuam praticamente ignoradas. Assim, o que se pode perceber é que continuamos constatando o que já havia sido percebido anteriormente, as construções históricas continuam apontando o homem como o único centro e agente da história narrada em sala de aula.

Ora, observa-se então que os livros didáticos tratam as questões relacionadas a gênero como relações de poder. Obscurecendo assim a presença dos sujeitos históricos apresentados, ou seja, aquele que não era o homem verdadeiro ou a mulher verdadeira estaria então excluído, não fazendo parte da história. Nota-se que as diferenças teóricas nos permitem observar o livro didático como um objeto de poder configurando a consciência histórica dos alunos.

No processo de ensino-aprendizagem a narrativa do livro didático passa por caráter essencial das identidades masculina e feminina. O homem sempre é tido como peça central no livro didático de história, ou seja, sempre com a narrativa androcêntrica, restando as mulheres apenas a condição de estar a margem dos grandes feitos históricos que normalmente quem é o ator principal é o homem.

Na tentativa de historicizar as mulheres no contexto do livro didático, o livro sempre as representaram como seres submissos e as lutas contra o domínio masculino ocorrido durante o final do século XIX e início do século XX. Vale ressaltar que tanto algumas das lutas, quanto a submissão das mulheres é representado no livro didático de várias maneiras. Guacira Louro destaca que o tipo de narrativa do livro didático não está relacionado as questões de gêneros, não seria um arranjo que destacasse apenas a oposição, a submissão ou a resistência, mas a problematização das formas do masculino e feminino, homem e mulher no decorrer da história enquanto sujeitos construídos a partir dos arranjos de poder que lhes são dados. (1997: 21-23).

A generalização no processo de ensino-aprendizagem é omissos com relação à história vivida pelas mulheres. Apesar de estudos comprovarem que na história das mulheres populares não existiam somente as omissas, submissas e delicadas, continua prevalecendo

grandemente nos manuais didáticos, ou seja, no livro didático a representação de que os homens do passado detinha o poder e prevaleciam mediante as mulheres, o feminino.

Os gêneros tratados pelo livro didático enaltecem a figura masculina, o homem e a figura feminina, a mulher é apresentada pelo livro didático muitas vezes invisível, ou em larga escala, quando o livro trata do conteúdo de gênero relacionado as mulheres o faz de forma a serem percebidas apenas como a manifestação do poder masculino ali representado.

É sabido que as violências impostas sofridas pelas mulheres não podem ser deixadas de lado, porém, a pretensão nesse momento da pesquisa é de representar a forma com que o livro didático define a história do gênero, sendo na maioria dos casos uma representação da manifestação de poder masculino sobre a dominação do feminino.

Nessa perspectiva, analisar a questão de gênero no livro didático é válido para que seu papel seja repensado em diferentes contextos e formas de construções como:

“...têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades "características" de homens e atividades de mulheres... A ampla diversidade de arranjos familiares e sociais, a pluralidade de atividades exercidas pelos sujeitos, o cruzamento das fronteiras, as trocas, as solidariedades e os conflitos são comumente ignorados ou negados.” (LOURO, 2008: 70).

Desse ponto de vista, o livro didático é o responsável pela transmissão do conhecimento científico quanto o conhecimento de senso comum. Com base nisso, entendemos que a representação apresentada pelo livro didático de história tem um caráter forte na formação do conhecimento histórico, por esse motivo as pesquisas em torno das temáticas de gênero. Pois, se o livro didático em muitos casos e em muitas famílias é o único meio de conhecimento esse passa ser o reproduzidor da verdade absoluta existente entre o leitor e a história, causando assim um desconforto entre os historiadores de que essa história entendida como verdadeira legitima preconceitos e estereótipos contribuindo para as

desigualdades sociais muitas vezes construídas devido à falta de compreensão necessária para o entendimento do proposto.

Por esse motivo estamos trabalhando nessa pesquisa inicial com essa análise no que diz respeito à questão de gênero. Para nós, não se trata de trabalhar a questão homem e mulher, mas sim, a representação desses sujeitos no livro didático. Por esse motivo, algumas das ênfases dadas as mulheres, já que o homem tem seu estereótipo bem determinado nas produções didáticas, porém, as mulheres são apresentadas com um caráter quase inexistente.

É bem verdade que as informações sobre as mulheres sofreram manipulações, isso é incontestável, mas diante dos fatos podemos observar que os relatos sobre essas mulheres eram infinitamente menores que os relatos sobre os homens. Isso devido justamente a questão de gênero pré-estabelecida de que o homem é o dominador e a mulher a dominada.

Assim, o que nos é passado no livro didático sempre foi o caráter submisso da mulher, observe. Desde a Idade Média a mulher tem seu papel inferiorizado ao do homem, essa não poderia ser ouvida em ambiente público já que esses espaços eram lugares específicos masculinos.

Desde então, a mulher encontrou barreiras de controle. Essas mulheres não podiam produzir textos de sua autoria. O que se observa é que sobre a mulher muito pouco foi produzido, raramente aparecendo como protagonistas de algo.

O que é possível tentar entender é o contexto em que foi escrito esse material. Se tomarmos o século XIX concluímos que o espaço era controlado pelo homem, dessa forma os autores se sentiam desobrigados de escrever sobre as mulheres, já que essas não tinham relevância social. Assim, a mulher não poderia ser considerada como sujeito histórico, destacando assim sua situação na sociedade, o ser feminino submisso ao masculino que era quem detinha o poder.

Então, foi a partir do século XX que alguns autores começaram a se sentirem inquietos com o preconceito que estava rodando as mulheres há muito tempo. E a partir de então estudos sobre as mulheres tomaram força.

Podemos situar que a área de conhecimento referente a desigualdade social para ambos os sexos se deu entre as décadas de 1960 e 1970. A partir de então, a história das mulheres surgiu e se consolidou. Mas, não só a história das mulheres, assim como, todo assunto relacionado as desigualdades geradoras de preconceitos.

Tomando o conhecimento adquirido acima, analisamos então que as representações são construídas, ou seja, cada época cria seus personagens, no passado a história voltada para o homem, o nosso gênero masculino estabeleceu assim um estereótipo de vida para a mulher, nosso gênero feminino. Sendo assim, as representações a cerca do livro didático sofrem construções e desconstruções ao longo do tempo.

Como observamos pouco se falava da mulher, o contexto que ela estava inserida era um contexto rotulado, em que o homem detinha domínio, poder e espaço. Aqui não estamos tratando o que realmente aconteceu, a “verdade histórica”, nós estamos contextualizando as representações históricas desses sujeitos nos materiais disponibilizados pra conhecimento e pesquisa, o livro didático de história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo que foi apresentado, podemos afirmar que os livros didáticos na sala de aula são extremamente agregadores na construção do aprendizado. Seu papel não se limita apenas a compreensão da noção de tempo, mas é também um meio de instigar a compreensão da complexa teia de significados que faz parte da história (como as relações entre atores sociais, interesses pessoas e econômicos e a política do período abordado).

Nessa perspectiva, apresentamos na elaboração desse trabalho, primeiramente uma discussão sobre o ensino de história, enfocando o histórico e o processo do ensino de história e suas intencionalidades veiculadas aos contextos sociais próprios das temáticas de gênero aqui disseminados.

Além disso, ressaltamos a necessária análise crítica que devemos ter acerca do uso do livro didático de história, de maneira a buscar agregar os saberes trabalhados em sala de aula através da transversalidade temática. Nesse âmbito, salientamos o valor de se trabalhar as questões relacionadas a gênero na disciplina de história.

Por último, enfatizamos que a consciência histórica, no processo de ensino da história é extremamente agregador no que tange ao estímulo capaz de surgir à medida que se

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

proporciona ao educando produções próprias dos momentos estudados em aula. A prática de instigar o interesse dos discentes e fazer esses sujeitos históricos reconhecerem os saberes construídos por meio da materialização do conhecimento é um grande desafio, e, uma imensa possibilidade dos professores de história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. - 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. (org.). O saber histórico na sala de aula. 11. ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Livros didáticos entre textos e imagens. O saber histórico na sala de aula. São Paulo, Contexto, 2009.

CHOPPIN, Alain. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/56419074/CHOPPIN-Alain-O-manual-escolar-Uma-falsa-evidencia-historica->

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de História. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

_____. Caminhos da história ensinada. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. – 5. ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.

LE GOFF, Jacques. A História Nova. In: LE GOFF, Jacques. A história nova. 4 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

_____. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques. História: novos objetos. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1976.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Editora Vozes: Petrópolis/RJ, 2008.

_____. “Gênero, História e Educação: construção e desconstrução.” Educação & Realidade, v. 20, n. 2, 1995.

_____. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

LUCA, Tânia Regina de. Livro didático e Estado: explorando possibilidades interpretativas. In: ROCHA, Helenice Aparecida; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. A História na escola: autores, livros e leituras. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe bom; HOLANDA, Fabíola. História Oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTEIRO, Ana Maria. Professores e livros didáticos: narrativas e leituras no ensino de História. In: ROCHA, Helenice Aparecida; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. A História na escola: autores, livros e leituras. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MONTELLATO, Andrea; CABRINI, Conceição; JÚNIOR, Roberto Catelli. História Temática: o mundo dos cidadãos. São Paulo: Scipione, 2001.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático e o professor: entre a ortodoxia e a apropriação. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2007.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. Educação histórica e a sala de aula: o processo de aprendizagem em alunos das séries iniciais do ensino fundamental. 263p. Tese de doutorado em Educação. Unicamp, 2006.

Parâmetros Curriculares Nacionais de História. Secretaria da Educação. MEC. Brasília. 1998.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Novos temas nas aulas de História. São Paulo: Contexto, 2009.

_____ (org). Fontes históricas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PINSKY, Jaime. O ensino de História e a criação do fato. ver. e atual. – São Paulo: Contexto, 2009.

SCOTT, Joan W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

THOMPSON, J.B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1998.

VIANNA, Nildo. A Consciência da História: ensaio sobre o materialismo histórico-dialético. 2 ed. rev . Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

WOODWARD, k. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. D. (org.); HALL, S.; WOODWARD, k. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.